

PALAVRAS DE UMA ALUNA-AUTORA MATERIALIZADAS NA CRÔNICA *ALL STAR*

HELBEL, Dioneia Foschiani ¹
COUTO, Regiani Leal Dalla Martha ²

RESUMO: Neste trabalho, a linguagem é entendida como acontecimento social da interação discursiva, portanto, dialógica, alteritária e ideológica. Assim, é vista como forma de apreensão e construção de conhecimentos que consolidam a vida em sociedade, por meio das relações e interações estabelecidas entre os sujeitos. Nessa perspectiva, desenvolvemos uma oficina de criação de crônicas, por meio de um conjunto de atividades de leitura e de escrita, com alunos do segundo ano do curso técnico em Informática no IFRO *Campus* Ji-Paraná. Nossa prática, pautada na premissa de que os atos culturais de leitura e de escrita são indissociáveis e por meio deles externamos nossos posicionamentos, vivências, ações, reações, vontades, desejos, entre outros, possibilitou a escrita do gênero crônica por diferentes alunos, mas elencamos aqui a crônica *All star* escrita por uma aluna, chamada por nós de aluna autora, para ser *corpus* da nossa discussão. Para tal feito, tomamos como fio condutor das análises, as ideias de Bakhtin e Volóchinov, dentre outros estudiosos da Filosofia da Linguagem, os quais atestam que a linguagem é concretizada por meio do enunciado e possibilita posicionamentos do falante em situações reais de uso. Os resultados mostraram que a aluna se apropriou do gênero numa perspectiva social e dialógica, considerando que imprimiu sua assinatura ao concretizar seu projeto de dizer, na escrita da crônica *All Star* com uma linguagem fluida, coloquial temperada com sensibilidade e lirismo.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Relações Dialógicas. Gênero discursivo.

1 INTRODUÇÃO

Embora o ensino da leitura e da escrita seja uma questão muito cara à educação brasileira, a atividade de criar textos na perspectiva dos gêneros do discurso, como postulam Bakhtin (2011) e Volóchinov (2018), é um dos grandes desafios enfrentados pela escola em todos os níveis de ensino. “Vale nota? Quantas linhas?”

¹ Doutora em Educação (UNESP), pesquisadora do GELLIC – Grupo de Estudos em Leitura, Linguagem e Identidade Cultural e docente IFRO *Campus* Ji-Paraná; dioneia.fochiani@ifro.edu.br

² Doutora em Estudos da Linguagem (UFMT), pesquisadora do GELLIC Grupo de Estudos em Leitura, Linguagem e Identidade Cultural e docente do IFRO *Campus* Ji-Paraná. regiani.couto@ifro.edu.br

Perguntas com as quais os docentes ainda se deparam em sala de aula, quase cotidianamente, indicam que muitos estudantes não se apropriaram da escrita como instância do seu dizer. Isso se deve, em grande parte, a uma ideia incrustada, petrificada e, infelizmente comum no meio escolar de que a língua como sistema deve prevalecer sobre a linguagem viva e pulsante.

O que poderia levar, então, o aluno a envolver-se na escrita de textos e a desenvolver uma conduta autoral? O que poderia provocá-lo para dizer alguma coisa, a alguém, por algum motivo, numa situação concreta de uso da palavra? Evidentemente que não seria o fato de cumprir uma tarefa para receber nota, descolada da concretude da vida, mas vivê-lo, como ato cultural, vinculado a um querer dizer alguma coisa a alguém, com intencionalidades e com necessidades, que só existe colado à vida real (Arena, 2017). Portanto, desse ponto de vista, o objeto cultural que deve ser ensinado na escola é o enunciado, materializado nos gêneros do enunciado ou do discurso.

No bojo dessas reflexões, este trabalho tem como objetivo pôr em discussão o enunciado de uma aluna, a quem doravante chamaremos de aluna-autora, produzida durante uma oficina de textos com alunos do curso Técnico em Informática do IFRO *Campus* Ji-Paraná, no ano de 2023. Discutimos o modo como ela fez a apreensão da sua realidade por meio da crônica *All Star*. Apoiamo-nos nas ideias de Bakhtin (2011), Volóchinov (2018) e de outros estudiosos da Filosofia da Linguagem para compreender a relação da palavra da aluna com a vida real e com a situação extraverbal que a engendrou.

2 METODOLOGIA

A oficina de crônicas foi orientada pelo caminho metodológico do cotejo. Essa metodologia, nas palavras de Geraldi (2012, p. 29), possibilita

o aprofundamento do empreendimento interpretativo, fazendo emergirem mais vozes do que aquelas que estão, evidentemente, na superfície discursiva. Não para enxergar nessas vozes a fonte do dizer, mas para fazer dialogarem diferentes vozes, pois o múltiplo é necessário para a compreensão do enunciado.

Para Bakhtin (2011, p. 401-404), "toda palavra (...) de um texto conduz para fora dos limites desse texto. A compreensão é o cotejo de um texto para outros textos". Sobre isso, Geraldi (2012, p. 29-30) explica que "cotejar textos é a única forma de desvendar sentidos", já que um sentido só pode ser desvendado com outro sentido. Em contato com outro, revela os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os significados somente no contexto).

Partindo da ideia de cotejo entre textos como ponte para diálogos entre crônicas escritas por autores já conhecidos e as que foram produzidas pelos alunos, apresentamos o percurso realizado, que aconteceu durante as aulas de Língua Portuguesa, no 2º e 3º bimestres de 2023, com alunos do 2º A curso Técnico em Informática do IFRO *Campus Ji-Paraná*.

No 2º bimestre realizamos 04 encontros, sendo que, em cada um, fizemos a leitura de 02 crônicas, escolhidas de tal forma a comporem uma linha temporal. Assim apresentamos aos alunos crônicas escritas por autores já consagrados, como Luís Fernando Veríssimo, Martha Medeiros, Marina Colasanti, Moacyr Scliar, até as escritas por alunos egressos do IFRO *Campus Ji-Paraná*, publicadas no livro *Momentos Cronicados*.

O objetivo era que eles conhecessem e se apropriassem do gênero em estudo. A dinâmica das leituras aconteceu da seguinte forma: primeiramente os alunos faziam a leitura individual das crônicas e anotavam livremente suas percepções no caderno. Posteriormente, formavam grupos com quatro integrantes para dialogarem sobre os textos e fazerem um registro coletivo. Na sequência, eles recebiam uma lista com perguntas que direcionavam outros olhares para as crônicas lidas. Esses questionamentos focavam nos temas escolhidos pelos cronistas para comporem seu projeto de dizer, na estrutura textual escolhida por esses autores e o modo como usavam a linguagem para compor seu discurso. Ao final, formava-se um círculo para uma discussão coletiva.

Essa prática de linguagem foi importante para que os alunos percebessem o gênero em estudo quanto à sua composição, estilo e conteúdo (BAKHTIN, 2011), compreendendo os elementos essenciais da crônica, em especial, como a desenvolver um olhar investigativo para a vida e dela retirar os temas para suas crônicas.

Para enxergar as miudezas da vida, o cronista observa atentamente o cotidiano, dispensando para sua realidade um olhar sensível para captar o que geralmente não está explícito no singelo e no costumeiro, ou seja, para colher as minúcias, precisa desenvolver um olhar também miúdo, não no sentido de olhar pequeno, apressado, mas perspicaz, capaz de pinçar fragmentos da vida real que, muitas vezes, se escondem de olhos menos atentos. Nas palavras de Sá (1985, p. 48):

[...] para ver além da banalidade, o cronista vê a cidade com os olhos de um bêbado ou de um poeta: vê mais do que a aparência, e descobre, por isso mesmo, as forças secretas da vida. Não se limita a escrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o e o recria, buscando sua essência, pois o que interessa não é o real visto em função de valores consagrados.

Dessa forma, enquanto liam e discutiam sobre as crônicas, compreendiam que, para se tornarem autores de crônicas, era preciso que partissem das suas distintas experiências vividas, olhando do seu lugar social as situações cotidianas para extrair delas o material a ser enunciado.

Ainda nessa fase da oficina, as atividades foram realizadas em sala de aula. Em dupla ou individualmente, os alunos escreveram suas crônicas, escolhendo livremente as temáticas. Esses textos foram postados no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, onde a professora leu os textos e fez as intervenções, sempre respeitando o projeto de dizer de cada aluno-autor.

No 3º bimestre, os alunos se envolveram no trabalho de reescrita. Assim como explica Geraldí, as escolhas linguísticas são feitas com base nas “estratégias de dizer disponíveis em suas elaborações de estratégias novas resultantes da articulação que realiza entre o disponível e o novo [...]” (Geraldí, 2015, p. 168). Ou seja, a materialização do enunciado está para além da sua superfície linguística porque atende a determinadas condições enunciativas. Por isso, a cada reescrita, foi importante o diálogo com os alunos, sugerindo novas possibilidades de construção de trechos por meio da negociação de tal modo que refletissem sobre suas escolhas. Esses diálogos aconteceram pelo AVA e no horário de atendimento ao aluno.

Esse trabalho resultou em 23 textos, dentre os quais a crônica *All Star*, objeto de análise neste escrito. É o que apresentamos a seguir.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva dos gêneros do discurso, é importante refletir sobre a crônica não só a partir da sua construção composicional, do estilo e do tema, mas tomar sua dimensão verbal na ligação com sua potência enunciativa, pois conforme bem diz Candido (1992, p. 20), crônica é vida; nela “tudo é motivo de experiência e reflexão [...] que nos transporta ao mundo da imaginação para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio”. Assim, quando elegemos esse gênero, vislumbramos a possibilidade de, por meio dos atos culturais de escrita, sustentados pela linguagem de natureza dialógica, ideológica e social, os alunos refletirem sobre questões do seu tempo e do seu espaço.

Bakhtin (2011) e Volóchinov (2018) postulam que, ao enunciarmos, jogamos com valores ideologicamente pré-estabelecidos, e essa projeção é orientadora para a seleção, organização e distribuição das palavras para compor o discurso. Na esteira dessa ideia, apresentamos a crônica *All Star*. Importante esclarecer que a criação dessa crônica ocorreu em cinco versões, ou seja, foi um processo dialógico, de negociação e escolhas, no qual esteve em jogo a articulação entre a gramática e a estilística.

Sentada no sofá da sala, com cara de sono e uma vontade enorme de não ir à escola, eu calçava o meu *All Star* preto de cano médio, aliás, meu tênis favorito. Sabe aquele dia que o mundo gira rápido demais e você não acompanha o ritmo? Então, era eu tentando me arrumar, às 6:30 da manhã, enquanto meu pai me dizia pela milésima vez que eu estava atrasada. Teoricamente a gente deveria sair de casa exatamente nesse horário todos os dias. Só teoricamente.

Quase pronta. Agora era só pegar a mochila e encher minha garrafinha com água. O calor de Rondônia não alivia. Dei uma olhada rápida no espelho e, já ia sair correndo para o carro, quando percebi que não havia amarrado um dos cadarços. Mais essa! Coloquei o pé sobre a cadeira de balanço da varanda, sem que minha mãe visse, é claro, e reparei no meu *All Star*. Olhando de perto, vi que estava bem acabadinho, coitado. Já estava mesmo na hora de trocá-lo, mas isso quando a montanha de tarefas da escola me permitisse passar na loja para pechinchar e, quem sabe, comprar um novo.

A imagem do meu tênis assim, tão velhinho e frágil, me fez lembrar do dia em que eu comprei o primeiro *All Star*. Antes disso eu olhava torto para esse tênis, adorado por alguns e odiado por outros. E não adiantava alguém me dizer que o *All Star* é um dos calçados mais famosos do mundo, que é marca registrada de adolescentes (e de adultos, por que não?), que é sinônimo de estilo, que foi parar numa música do Nando Reis. Eu o achava totalmente sem graça e fora de moda, apesar de nunca ter usado um.

E como efeito dominó, essa lembrança puxou outra, que puxou outra e mais outra até que comecei, ali mesmo na varanda, a refletir sobre como nós somos programados, pois muitas vezes agimos a partir de algumas ideias já instaladas em nosso sistema. Gestos, maneira de ser, o que usamos, o que não usamos. Ah, prefiro isso, não goto daquilo. Eu escolho: minha galera é esta e não aquela. Besteira, escolhemos nada. Vivemos bombardeados de instruções prontas e comandos já decorados.

Veja o meu caso, quando coloquei um *All Star* no pé pela primeira vez, foi estranho. De início não gostei tanto, mas logo depois, estava falando “Huuuummm... até que não ficou tão feio”. Meses depois eu já tinha mais de três pares. Hoje não consigo me imaginar andando por aí sem ter nos pés esse calçado que parece ser extensão do meu corpo.

O certo é que o novo assusta porque rompe a casca da resistência. Então, que tal começar a se perguntar por que você nunca fez isso ou nunca usou aquilo? Bora fazer uma reflexão sobre o motivo de estarmos vivendo a vida sem reparar direito em nós mesmos? É agora o momento de pensar por que não fazemos algo novo. Afinal, o que nos impede de sair da caixinha? É hora de instalar uma atualização no sistema.

Às vezes, insistir nos conceitos incrustados em nós e não os questionar não é bom. Isso nos limita, nos reduz. Começar algo diferente, um novo jeito de usar o cabelo, ou de nos vestir não nos fará tornar outra pessoa ou perder nossa essência. Pode acreditar. Sou experiência disso, veja o meu caso com o *All Star*.

Uma buzina insistente me fez voltar à realidade, era meu pai me chamando. Terminei de fazer o laço no cadarço, peguei minha mochila e saí para começar o dia na escola, um novo dia para tentar ideias novas, expandir perspectivas e, quem sabe, conseguir passar na loja e comprar um *All Star* novo (Banco de dados das autoras do artigo).

Ao descrever a crônica, assim afirma Arrigucci (1987, p. 51):

[...] despretensiva, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companheira quase que diária do leitor brasileiro. No entanto, apesar de aparentemente fácil quanto aos temas e à linguagem coloquial, é difícil de definir, assim como tantas coisas simples.

É justamente assim que vemos a crônica *All Star*: uma prosa despretensiva, simples, como uma conversa na calçada em fim de tarde, alinhavada por uma linguagem leve, temperada com humor, lirismo e sensibilidade, como se vê na frase “sabe aquele dia que o mundo gira rápido demais e você não acompanha ritmo. A linguagem informal, como se fosse uma conversa entre amigos, é caracterizada pelo modo como a aluna-autora articula a linguagem, já no primeiro parágrafo, escolhendo o pronome “você” no intuito de dialogar abertamente com o leitor.

Ao longo da crônica, a aluna-autora se vale de outros elementos lexicais para manter esse diálogo. Nos trechos “Besteira, escolhemos nada. Vivemos bombardeados de instruções prontas e comandos já decorados” e “Veja o meu caso, quando coloquei um *All Star* no pé pela primeira vez, foi estranho”, o emprego de verbos escolher e viver flexionados na primeira pessoa do plural e do verbo ver flexionado no

modo imperativo, funcionam como uma espécie de fio dialógico. Mais uma vez, fica evidente que a escolha desses elementos estilísticos para reforçam a ideia de leitor pretendido pela aluna-autora: o leitor ativo, aquele que responde.

Entretanto, não o faz como transcrição exata de uma frase colhida no seu cotidiano, mas como

[...] a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema. (SÁ, 1985, p. 11).

Outro ponto de análise recai sobre as relações dialógicas travadas com vozes sociais que tentam padronizar as pessoas. A essas vozes, a aluna-autora oferece sua contrapalavra, opondo-se a elas ao convidar o leitor por meio de uma pergunta: “Bora fazer uma reflexão sobre o motivo de estarmos vivendo a vida sem reparar direito em nós mesmos?”. Destaque, ainda, para a expressão “bora”, para manter o tom de informalidade.

Os recursos estilísticos empregados por ela não são aleatórios, ao contrário, estão repletos da intencionalidade, confirmando que “a palavra tomada isoladamente, como fenômeno puramente linguístico, não pode ser verdadeira, nem falsa, nem atrevida, nem tímida” (Volochínov, 2013, p. 77).

Bakhtin (2011) explica que as palavras que usamos para falar e escrever se configuram como enunciados porque atendem a uma necessidade concreta de dizer e de escrever. O enunciado carrega para o discurso, no interior das esferas de atividade humana as intencionalidades do falante e escrevente, sempre tomando um possível interlocutor como referência.

Ao analisar o fragmento acima exposto, torna-se evidente que as palavras foram tomadas por ela sob três aspectos: “[...] como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém, como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados [...] e como a *minha* palavra [...]” (Bakhtin, 2016, p. 53). Partimos dessa ideia para entender que a aluna conseguiu formar um estilo individual por meio das suas palavras próprias, tomadas do sistema da língua, enquanto fenômeno linguístico, mas que, na relação com o outro e embebidas por questões valorativas, ganharam uma dimensão ideológica, confirmando que

[...] o estilo do poeta não nasce do *estilo dos eu discurso interior incontrolável*, este último é o produto de toda a sua vida social. “O estilo é o homem”, mas podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente o homem e seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é um participante constante do discurso. (Volóchinov, 2019, p. 143)

Se o estilo está estreitamente ligado ao homem e seu grupo social, é preciso considerar também a autoria colada nesse processo. Enfatizamos que o tema colhido no cotidiano revela o diálogo com os outros, de quem a aluna-autora tomou emprestadas as palavras e para quem ela as dirigiu, além disso, o modo como selecionou e organizou os elementos do seu enunciado refratam a sua visão de mundo sobre a cultura humana. Entendo, assim, que a linguagem dialógica, alteritária e ideológica usada de modo crítico-reflexivo pela aluna para compor seu estilo individual possibilitou-lhe ocupar o lugar se autora no processo de criação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que realizamos para propor a oficina foi ancorado pelas ideias da Filosofia da Linguagem em que nos constituímos na e pela linguagem. Nesse sentido, observamos que no processo de escrita dos 23 alunos que participaram da oficina, eles constituíram sentidos, a partir da atividade autoral de escrita do gênero discursivo crônica. Em especial, como demarcamos em nossas análises na crônica *All Star*, em que a aluna-autora imprimiu sua assinatura ao organizar seu projeto de dizer, trabalhando a linguagem de maneira dialógica e alteritária, trazendo as peculiaridades do gênero em uma linguagem fluida, leve, temperada com sensibilidade.

Assim, assumindo nosso papel ético de pesquisadoras e professoras, consideramos urgente levar para os nossos alunos práticas de leitura e de escrita de diferentes gêneros discursivos que congreguem em uma proposta dialógica, alteritária, social e cultural da linguagem. Ao nos colocarmos como sujeitos da pesquisa, compreendemos que é impossível sair desse processo de interação sem ser modificado; em todas as trocas dialógicas com os alunos a relação foi de aprendizado

mútuo. Nesse sentido, acreditamos na necessidade de que estudos que levem a leitura e a escrita para o centro da sala de aula pelo viés dialógico estejam presentes na escola, até nos aproximarmos de uma educação verdadeiramente humanizada.

5 AGRADECIMENTOS

Aos alunos do IFRO que participaram da oficina de escrita do gênero crônica.

REFERÊNCIAS

ARENA, D. B. Considerações em torno do objeto a ser ensinado: língua, linguagem escrita e atos culturais de ler e escrever. In: MORAES, D. R.; GUIZZO, A. R. (Orgs.) *Coletânea de artigos: Humanidades nas Fronteiras: imaginários e culturas latino-americanas*. Foz do Iguaçu: UNILA/UNIOESTE, 2017, p. 11-28.

ARRIGUCCI, D. Fragmentos sobre a crônica. In: *enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. BEZERRA, P. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. BEZERRA, P. São Paulo: Editora 34, 2016.

CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, A. *et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: Grupo de estudos dos gêneros do discurso (GEge). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João editores, 2012, p. 19-39.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2015.

SÁ, J. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

VOLOCHÍNOV, V.N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. GERALDI, J. W. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V. Editora 34. São Paulo, 2018.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Org. e trad. Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.